

Realidade política limita decisões, diz FH

Edivaldo Ferreira/AE

Em palestra na Universidade de Berlim, ao comparar a atividade como sociólogo e presidente da República, Fernando Henrique afirma que "nem sempre se tomam as decisões que se deseja, mas as que se pode"

ODAIL FIGUEIREDO

BERLIM — Ao receber ontem o título de doutor honoris causa da Universidade Livre de Berlim, o presidente Fernando Henrique Cardoso brindou a plateia com uma aula de sociologia e política, entremeada de reflexões sobre o exercício do poder. Para o presidente, o desafio de quem chega ao mais alto posto da República, em especial um sociólogo como ele, é canalizar os impulsos da sociedade em favor das mudanças tendo em vista as limitações da realidade política.

"Como ninguém escolhe o momento em que vive, nem muito de seu curso pessoal, em certos momentos o sociólogo não tem outra alternativa: tem de ser presidente", brincou Fernando Henrique. "E para ser presidente de forma adequada, primeiro não pode ter a pretensão do saber, como o sociólogo, porque isso não ajuda; e segundo, olhando em volta e tendo humildade, muitas vezes tomar decisões que são duras, que não correspondem ao que se deseja, mas ao que se pode", reforçou, numa frase que, apesar de dirigida a uma plateia de acadêmicos, poderia ser interpretada como uma resposta aos que criticam seu desempenho na Presidência.

Segundo Fernando Henrique, o governante não pode se perder no dilema entre o necessário e o possível. "Não se perca de vista que tem de haver um símbolo, e o símbolo não é o que se pode, é o que se deseja", observou. "Se o presidente for somente sociólogo, não vai ser nada; se

for só presidente, será banal." E continuou: "Ele precisa ser capaz de ver um pouco mais adiante, e olhar para os símbolos, se ele próprio não conseguir ser um."

Para Fernando Henrique, os símbolos tem importância especial numa sociedade em que os interesses se manifestam de forma dispersa. "O Congresso passou a ser um somatório de interesses fragmentados, o que diminui a capacidade de ação e de juntar forças para a mudança", destacou. Mas o político moderno tem que "ter a capacidade de escolher, de definir a prioridade, e de fazer a escolha de tal modo que ela recupere o movimento geral". "Ou ele faz isso, ou não é líder."

No caso do Brasil, segundo Fernando Henrique, o que mobiliza a sociedade, hoje, é a aspiração por justiça social e cidadania plena. O presidente voltou a classificar a sociedade brasileira como injusta, mais do que como subdesenvolvida. Citando vários autores, nacionais e estrangeiros, disse

**HÁ
NECESSIDADE
DE SE TER
SÍMBOLOS, SE
NÃO SE
CONSEGUE
SER UM**

que, se o sociólogo pernambucano Gilberto Freire fosse novamente escrever sua obra prima *Casa Grande e Senzala*, teria hoje de dar ao livro o título de *Grande Indústria e Favela*.

Fernando Henrique passou pouco mais de seis horas em Berlim, para cumprir agenda cultural. Além da homenagem da universidade, abriu seminário sobre o Brasil, no Instituto Ibero-Americano, inaugurou o Centro de Estudos Brasileiros, e almoçou com o governador da cidade, Eberhard Diepgen. À noite, voltou a Bonn para um jantar com o presidente alemão, Roman Herzog.



O presidente na universidade: "Congresso passou a ser somatório de interesses fragmentados"